

Editorial

Há muitos anos trabalhando e refletindo sobre a potencialidade do uso das tecnologias na educação, dizíamos que seria necessário, em algum momento, acontecer um “tsunami” para que os velhos hábitos e crenças das escolas e universidades fossem abalados, e novos paradigmas educativos surgissem. Empenhávamos-nos em um trabalho militante – como bem mencionavam Jacquinet (2007) e Bévort e Belloni (2009) – para contribuir na reflexão sobre a importância da educação para as mídias e sobre a importância da formação de profissionais da educação em diálogo com essa área. Pois bem, a profecia se cumpriu, de maneira trágica, infelizmente. O trabalho militante não foi suficiente para que fossem organizados e integrados programas de educação para as mídias, desde a educação infantil até a universidade, tampouco para o incentivo de políticas públicas de fomento. A metáfora do “tsunami” não era muito correta, mas, como um evento cataclísmico, a pandemia nos obrigou, como professores, a recriarmos nossas práticas pedagógicas, entre medos, ausências, lutas e lágrimas. Que ao menos isso nos inspire daqui em diante.

Nesse sentido e em um primeiro exercício cabe retomarmos o que já se tem produzido nesse campo, destacando um dos nossos maiores educadores, Paulo Freire. A importância da relação entre a comunicação e a educação tem sido debatida desde, no mínimo, os anos de 1960 por instituições como a União Europeia e a Organização das Nações Unidas pela Educação – UNESCO (BÉVORT; BELLONI, 2009). Foi também nessa época que a pedagogia freiriana ganhou destaque por enfatizar a importância da indissociabilidade entre essas duas áreas. Dizia o autor que: “somente na comunicação tem sentido a vida humana [...] que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados, ambos, pela realidade, portanto na intercomunicação” (FREIRE, 2013, p. 79).

Freire afirmou também, por diversas vezes, que uma das coisas mais terríveis para um ser humano é não pertencer ao seu tempo, ser um exilado da temporalidade. O compromisso com o tempo exige que, como educadores, estejamos disponíveis para encararmos novidades, examiná-las e permitirmos que nos afetem. Freire incluiu a televisão e as mídias em suas reflexões, colocando a questão da comunicação e das exigências que a própria tecnologia nos apresenta no sentido de, como educadores, darmos respostas variadas e adequadas a desafios inesperados. Em 2011, vinte e quatro anos após sua morte, foi lançado o livro *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação* – fruto de registros organizados por Sérgio Guimarães no diálogo

com Freire e alguns interlocutores. Nele acentuam-se as análises da educação para as mídias do nosso patrono da educação com aquelas mídias mais tradicionais, e as expande para as “novas mídias” – ou já nem tão novas assim, aquelas outras que se organizam na relação com a internet.

Nesse período de distanciamento social, as tecnologias digitais cumpriram, em grande parte, o papel de manter a comunicação social e a proximidade que nos foi retirada, permitindo nossos deslocamentos em tempos e espaços sem o risco colocado pela pandemia. Na Educação – particularmente nas universidades – foi um momento muito intenso para todos nós que já trabalhávamos com a Educação a Distância. A necessidade de colocar as instituições inteiramente em plataformas virtuais, para que o trabalho acadêmico não fosse suspenso, mobilizou as equipes especializadas para além das atividades às quais elas estavam preparadas, tanto em diversidade de demandas como em sua extensão.

Não obstante, em especial para os alunos de graduações presenciais – uma vez que os adeptos da modalidade a distância, majoritariamente já possuíam artefatos tecnológicos, Pró-reitorias de Assistência Estudantil mobilizaram-se em ações de Inclusão Digital, com o objetivo de mitigar os impactos socioeconômicos decorrentes da pandemia na permanência e no acompanhamento dos alunos. Outra estratégia emergencial de gestão no Ensino Remoto Emergencial (ERE) se deu pela iniciativa de professores, que convocaram mutirões de doações de computadores para que tais máquinas fossem destinadas aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

A tão ainda esperada chegada ao final desse período terrível de pandemia coloca algumas novas questões para a universidade, e talvez a principal dela já tenha sido provocada por Freire: a de serem instituições de seus tempos. Nesse cenário fazem-se pertinentes diversos questionamentos: a experiência adquirida com o amplo uso de tecnologias nos processos pedagógicos irá implicar em uma adesão mais significativa à elas no futuro próximo? Quais ganhos, de fato, traria uma educação híbrida, combinando a tradição do ensino presencial com as inovações do virtual? Como financiar, organizar e gerir programas integrados de formação para as mídias que ecoem desde a mais tenra idade – uma vez que nossas relações com as mídias se iniciam desde a primeira infância – visando a desenvolver os conhecimentos, as técnicas e as atitudes necessárias em uma sociedade altamente tecnologizada? Como superar um neotecnismo digital que parece emergir, em prol de um ensino com, para e através das mídias, enfatizando, além do uso instrumental, os usos críticos e criativos desses meios? Como respeitar os contextos socioculturais não homogêneos no cenário das tecnologias digitais?

Vejam algumas das características das tecnologias que indicam sua potencialidade para a construção do conhecimento nos processos educacionais. Primeiramente, a convergência de linguagens e mídias que ela propicia, no mundo das telas. Ao toque de um clique temos acesso a textos, filmes, fotografias, apresentações *power point*, buscas, pesquisas. Todos como recursos que permitem o acesso à informação, para além do que pode ser transmitido, de maneira tradicional, pelo professor em sala de aula, em uma relação do ensino formal com o informal. A interatividade, no sentido de comunicação homem-máquina, e a interação, entre sujeitos, são outras das marcas das tecnologias digitais. Elas permitem a comunicação em várias vias, em diversos sentidos e, no campo da Educação, bem como a construção de ambientes onde professores e alunos podem interagir não somente entre si, mas também com os materiais propostos, em momentos síncronos ou assíncronos, como foi experienciado durante o período pandêmico.

Todavia, não é importante que seja fomentado um neotecnicismo que alimentaria identidades pedagógicas relacionadas a velha razão instrumental, que negligência e abandona os vulneráveis. Não olhar para esses fenômenos, ou seja, não problematizá-los e mediá-los, significa declinar ante a exclusão e as homogeneidades que precedem o contexto de uso parece majoritário das TDIC no contexto pandêmico, em especial em universidades e escolas mercantilistas. Esse tipo de promoção das relações com as tecnologias digitais contradiz valores educativos fundamentais como inclusão e diferença, favorece uma história tecnológica fundamentalmente dos dominantes, além disso, nos impede de enxergar o potencial tecnológico que vai além da mera funcionalidade e utilidade. Um dos grandes desafios dessa, potencial, “virada tecnológica” pós-pandemia, na linha do que escreve Yuk Hui (2020), nos parece ser o de perceber a necessidade do desenvolvimento e da manutenção da tecnodiversidade e/ou da conciliação entre a tecnologia, crítica e diferenças na formação das nossas identidades pedagógicas docentes. Se, por um lado, supostamente as novas gerações já estão profundamente imersas nesses novos modos de aprender, fora das salas de aula, por outro, generalizar esse entendimento diante uma sociedade altamente desigual é negligenciar vidas. Nem um a menos!

Os desafios que se impõem a partir de agora se referem ao desejo, à intenção e às capacidades das Instituições de Ensino Superior de se adaptarem aos novos tempos. Isso significa que, além das políticas públicas de fomento, dependentes das conjunturas governamentais, sem as quais nada é possível, há necessidade de políticas institucionais de estímulo e apoio ao uso de tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem nas universidades. Se formos caminhar para a Educação Híbrida, abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades mediadas por tecnologias digitais, devemos ter claro que essas práticas são condicionadas por

estratégias institucionais, que envolvem a disponibilização de condições adequadas e suficientes de infraestrutura, com equipamentos e redes eficientes, de maneira a garantir processos de qualidade de construção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem e o acesso dos alunos a eles. A realização desse trabalho exige conhecimento e habilidade de equipes, bem como maior tempo de preparação de aulas e cursos, o que implica na demanda de estratégias institucionais de formação permanente de docentes e técnicos administrativos, bem como a discussão de como integrar o trabalho virtual à carga horária dos professores, inicialmente designados e habituados às atividades presenciais.

Se bem elaboradas e administradas, essas condições, juntamente com outros fatores do contexto institucional, podem influenciar percepções, culturas e o nível de maturidade da prática da Educação Híbrida nas universidades. Nesse âmbito, e de caráter fundamental para o sucesso das novas práticas, situa-se a necessidade de mudança de paradigma metodológico, com o deslocamento do ensino transmissivo, centrado no professor, para o aluno como centro do processo educativo, que a dinamicidade do uso de tecnologias propõe e demanda. Os alunos terão a oportunidade de estudar os materiais em espaços que não são a sala de aula, e a sala de aula passará a ser local de discussões, problematizações, apresentação de dificuldades, trocas de experiências e entendimentos múltiplos, tendo o professor e os alunos como sujeitos colaborativos do conhecimento. Essa estratégia contribui para que o estudante construa e desenvolva autonomia e em espaços não formais de ensino também consiga aprender, vindo, conseqüentemente, a fazer análises críticas sempre que necessário. Isso não significa que existirá um desaparecimento das instituições de ensino e do professor, significa apenas a continuidade da busca pela “maioridade” dos sujeitos – em um sentido filosófico menos pretensioso, mais pragmático e mais cotidiano, estando a “escola” e o professor como potencializadores desse processo.

A relação com a aprendizagem em uma sociedade altamente tecnologizada, portanto, precisa ser descentralizada da sala de aula e do professor, por mais que a ideia não seja abrir mão desses. Isso contribuirá para uma outra compreensão, por parte dos alunos, das relações, que são e podem ser estabelecidas com a internet e por meio da internet. Se há novos modos de aprender possíveis, viabilizados pelas tecnologias digitais, novos modos de ensinar são necessários. Eles devem, portanto, trazer a expansão da educação superior para além das salas de aula presenciais, inclusive em futuros campos virtuais, como lugares democráticos, desterritorializados e ricos, de encontro e de construção de conhecimento. Essa perspectiva se apresenta como um enorme desafio para a gestão universitária, que é o lugar a partir do qual devem ser produzidas as condições para essa nova educação.

Este número da Revista Plurais vem para ajudar nessa discussão, no momento em que o assunto é extremamente oportuno e urgente. Muitos pesquisadores estão voltados para essas questões, apontando para o fato de que o caminho é, pelo menos em parte, sem volta. O “tsunami” veio, e pouca coisa deve permanecer como estava. Cabe-nos, então, reconstruir, incorporando aos processos educativos o que aprendemos nesses tempos difíceis.

Eliane Medeiros Borges

<https://orcid.org/0000-0003-0703-3991>

Doutora em Educação (UNICAMP)

Professora Titular da Faculdade de Educação (UFJF)

Coordenadora Adjunta da Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Brasil. E-mail: mborges.eliane@gmail.com

Galdino Rodrigues de Sousa

<https://orcid.org/0000-0002-1097-738X>

Professor Titular da Faculdade de Educação (UFJF)

Brasil. E-mail: galdinorodrigues@yahoo.com.br

Referências

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Revista **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**. [recurso eletrônico]. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. [recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

JACQUINOT, G. **De Grünwald à Paris: pour quoi l'éducation aux médias?** In: UNESCO. **L'éducation aux médias: actes, synthèse et recommandations** do Encontro Internacional de Paris. Paris, 2007.